

O desafio de investir certo em educação

*Luiz Alberto Machado*¹

*“The most valuable of all capital is that invested in human beings.”*²

Alfred Marshall

(Apud Giannetti da Fonseca, 1989, p. 3)

Considerações preliminares

Em meu último artigo, enfatizei a necessidade que o governo Bolsonaro terá de compatibilizar as ações visando resultados de curto e de longo prazo. Concluí alertando para o fato de que, além das questões econômicas que ocupam grande espaço nas discussões que antecedem a posse, será preciso muita competência para setores fundamentais, cujas ações, porém, costumam gerar resultados que demandam longo período de tempo. Entre esses setores, um dos mais importantes, sem dúvida, é o da educação. E é sobre isso que este artigo fará algumas observações, com o objetivo de situar bem o desafio que o Brasil tem pela frente.

Atenta aos acontecimentos, a ciência econômica procura oferecer fundamentos e dados para novas formas de expressão da economia, tais como a economia criativa, a economia solidária e a economia comportamental, bem como a aplicação de seus conceitos e modelos a diversos segmentos, entre os quais a economia da educação, a economia do crime, a economia da saúde, a economia do trabalho etc., numa clara demonstração do dinamismo que caracteriza este ramo do conhecimento.

Particularmente, no que se refere à economia da educação, há nomes de grande destaque tanto no Brasil como no exterior. Do exterior, vale a pena mencionar, além de Alfred Marshall, grande expoente da escola neoclássica, que chamava atenção para a importância do investimento em educação em pleno século XIX, os laureados com o Prêmio Nobel de Economia: William Schultz, laureado em 1979; Gary Becker, laureado em 1992; e James Heckman, laureado em 2000. No Brasil, alguns dos nomes que mais se têm destacado debruçando-se sobre este aspecto da economia são Eduardo Giannetti da Fonseca, Ricardo Paes de Barros e Fabio Giambiagi.

O desafio da educação no Brasil

Feitas essas considerações preliminares, vamos aos fatos relativos à situação da educação no Brasil.

Infelizmente, o desafio que o País tem pela frente no campo da educação é enorme, uma vez que nossos estudantes continuam ocupando posições medíocres nos testes

¹ Economista, graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Mackenzie, mestre em Criatividade e Inovação pela Universidade Fernando Pessoa (Portugal), é sócio-diretor da empresa SAM - Souza Aranha Machado Consultoria e Produções Artísticas. Foi presidente do Corecon-SP e do Cofecon.

² “O mais valioso de todos os capitais é aquele investido em seres humanos.” – Tradução do autor.

internacionais de educação comparada, dos quais o mais conhecido é o Programme for International Student Assessment (PISA)³.

Para não ser injusto, é preciso reconhecer que houve um avanço considerável em termos de acesso à educação básica. Tal avanço ocorreu principalmente na gestão de Fernando Henrique Cardoso, cujo ministro da Educação era o prof. Paulo Renato de Souza, quando o índice de matrículas de crianças em idade escolar saltou para 97%, número comparável ao de nações altamente desenvolvidas. Esse avanço em termos quantitativos, porém, não foi acompanhado por um avanço proporcional em termos qualitativos e, em decorrência disso, um dos maiores – senão o maior – desafios é o de melhorar consideravelmente o nível de qualidade das nossas escolas públicas e privadas, já que, com exceção de ilhas de excelência, seguem oferecendo uma educação de baixo nível.

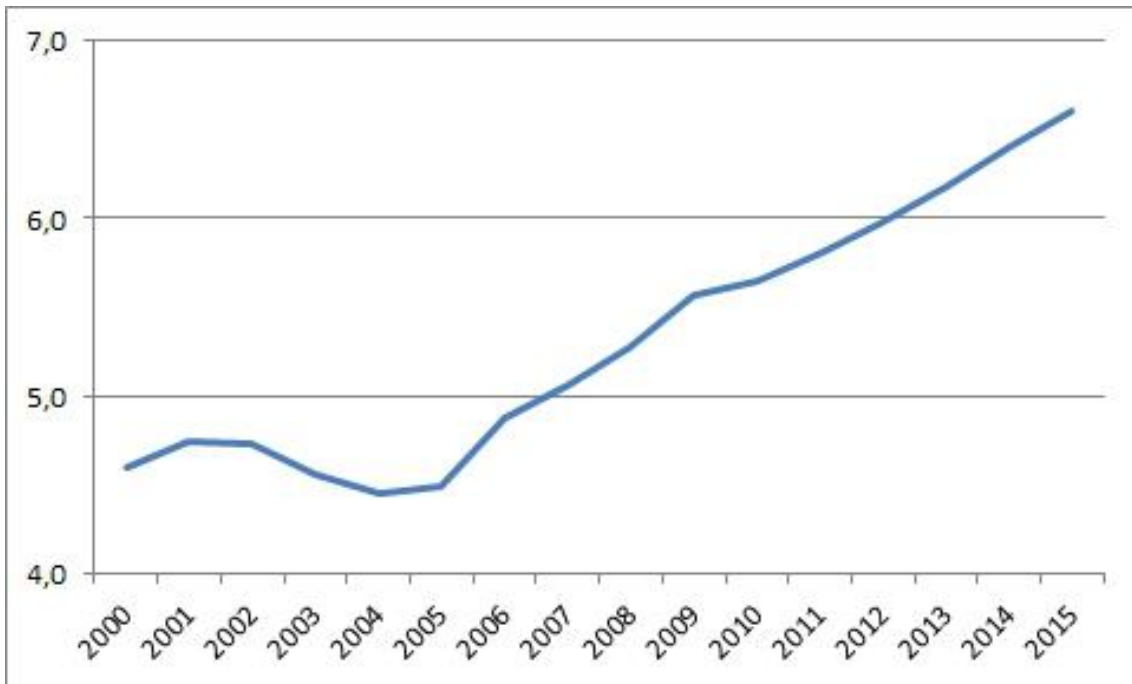
Para enfrentar desafio de tamanha magnitude, no entanto, é preciso ter um bom diagnóstico, separando bem os mitos e os fatos.

Como bem observam Fabio Giambiagi e Rodrigo Zeidan no recém-lançado *Apelo à razão*, “é mito afirmar que gastamos pouco com educação. É o contrário, somos o segundo país de renda média que mais gasta com essa rubrica no mundo – apenas a Costa Rica gasta mais do que nós, em proporção do PIB” (2018, p. 280).

Corroborando esta afirmação, os autores afirmam, com base nos dados do INEP e do IBGE (2018, p. 280): “não só gastamos muito, mas também aumentamos bastante a participação dos gastos com educação como proporção do PIB”, como pode ser visto no gráfico 1.

Gráfico 1 **Gastos totais com educação como % do PIB**

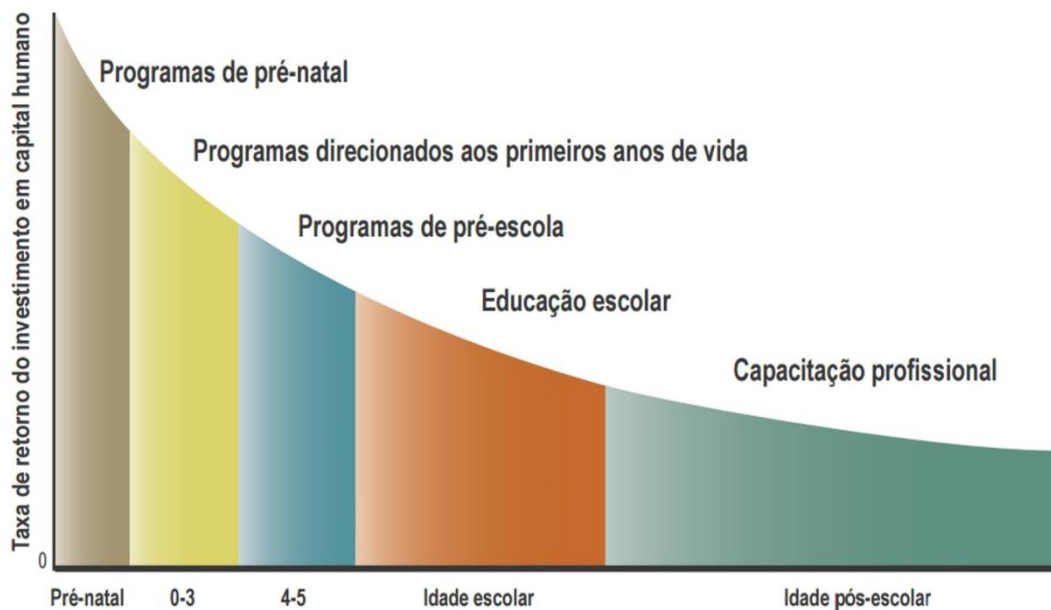
³ Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, uma iniciativa de avaliação comparada, coordenada pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), aplicada de forma amostral a estudantes matriculados a partir do 7º ano do ensino fundamental na faixa etária dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países. Há uma coordenação nacional em cada país participante. No Brasil, a coordenação do Pisa é responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), vinculado ao Ministério da Educação.



Fonte: INEP e IBGE.

Considerando, portanto, que o volume de investimento em educação no Brasil já é significativo, é preciso focar na qualidade desse investimento, buscando aquele que ofereça a melhor taxa de retorno social. E, de acordo com James Heckman, reconhecido mundialmente como uma das maiores autoridades no assunto, a maior taxa de retorno ocorre com os programas pré-natais, como pode ser visto no gráfico 2.

Gráfico2
Retorno ao ano por unidade de dólar investido



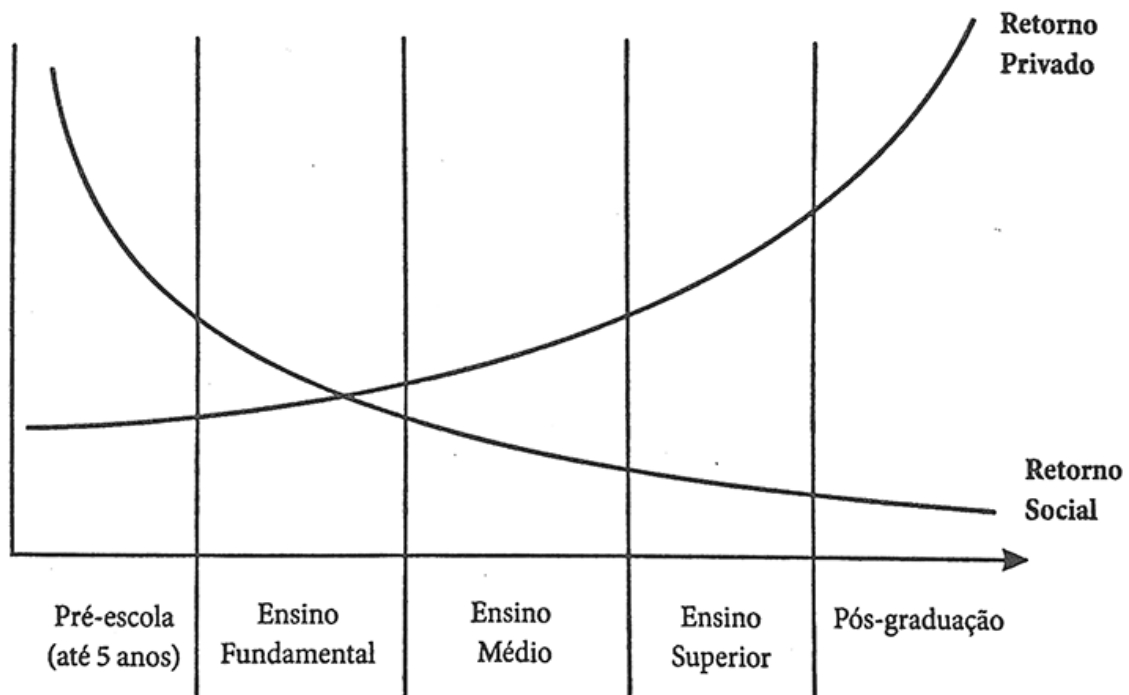
Fonte: Heckman, J. - The Heckman Equation

Será necessário, nesse sentido, alterar a ênfase dos últimos governos que investiram *proporcionalmente* muito mais em educação superior do que em programas pré-natais e programas de primeira infância. Como bem observam Giambiagi e Zeidan, os benefícios sociais são muito maiores quando os investimentos ocorrem nos primeiros anos da vida das pessoas, ao passo que os benefícios privados são maiores nos investimentos em ensino superior e nos programas de capacitação profissional.

A diferença entre retornos privados e sociais ao longo do tempo é a razão pela qual, na maior parte do mundo, a provisão de educação básica é papel do Estado, enquanto é aceitável que o sistema privado forneça parte do ensino superior. E aqui temos a primeira lição básica para o Brasil: não faz sentido falar em universalizar ensino superior quando o básico é péssimo (GIAMBIAGI; ZEIDAN, 2018, p. 285).

O gráfico 3, reproduzido do livro de Giambiagi e Zeidan, mostra o retorno marginal de cada ano adicional de educação, para a sociedade e para o indivíduo. Como fica claro, “o retorno aumenta privadamente somente depois de meados do ensino médio porque basicamente quase todo brasileiro, hoje, completa o ensino fundamental. Assim, o aumento real de retornos privados acontece na ponta do sistema, no ensino universitário” (2018, p. 285).

Gráfico 3
Retornos de maior escolaridade ao longo do ciclo educacional



Fonte: GIAMBIAGI; ZEIDAN, 2018, p. 284.

Este é, aliás, um bom exemplo para a afirmação “governar é fazer escolhas”. Ao examinarmos a realidade da educação brasileira, constatamos a existência de necessidade de investimentos em todos os níveis. Como, porém, não há recursos para tanto, é preciso escolher o tipo de investimento que oferece maior retorno social e este

é, sem dúvida, o investimento nos primeiros anos da vida das pessoas. Ainda que elas não votem e não convençam seus pais a votar!!!

Referências e indicações bibliográficas e webgráficas

BECKER, Gary. *Teoría económica*. Traducción de Ana Catalina Mayoral. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

_____. *Educação é o melhor investimento*. Entrevista. *Think Tank*, Ano III, Número 9, Dezembro de 1999, pp. 13 – 16.

BECKER, Gary S.; BECKER, Guity N. *The economics of life: from baseball to affirmative action to immigration*. Chicago: McGraw-Hill Trade, 1998.

GIAMBIAGI, Fabio; ZEIDAN, Rodrigo. *Apelo à razão: reconciliação com a lógica econômica – por um Brasil que deixe de flertar com o populismo, com o atraso e com o absurdo*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

GIANNETTI DA FONSECA, Eduardo. *Liberalismo X Pobreza*. São Paulo: Inconfidentes, 1989.

HECKMAN, James. *The economics of human potential*. Disponível em <https://heckmanequation.org/>.

HECKMAN, James; PAGÉS, Carmen (editors). *Law and Employment: Lessons from Latin America and the Caribbean*. National Bureau of Economic Research, Inc. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

MACHADO, Luiz Alberto. *Grandes Economistas XVI – Alfred Marshall e a Escola Neoclássica*. Disponível em <http://www.souzaaranhamachado.com.br/2007/02/grandes-economistas-alfred-marshall/>.

MARSHALL, Alfred. *Princípios de economia: tratado introdutório*. Tradução revista de Rômulo de Almeida e Ottolmy Strauch. Introdução de Ottolmy Strauch. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (*Os Economistas*)

SCHULTZ, William T. *O valor econômico da educação*. Tradução de P. S. Werneck. Revisão técnica de Calogeras A. Pajuaba. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____. *O capital humano: investimentos em educação e pesquisa*. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Revisão técnica de Ricardo Tolipan. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____. *Investindo no povo*. Tradução de Elcio Gomes de Cerqueira. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.